

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

Entrevistadora: Maria Fernanda Fábrica Fauaz

Entrevistado: Antônio Fábrica Ferreira

São José do Rio Preto, 9 de maio de 2025

Duração: 42 minutos

Realizada em nossa casa, São José do Rio Preto, São Paulo

ENTREVISTA COM ANTÔNIO FÁBRICA FERREIRA

Antônio: Eu sou o professor Antônio Fábrica Ferreira e... estou fazendo uma entrevista com a aluna Maria Fernanda do curso de Artes da Universidade de São Paulo e autorizo que ela faça e entregue essa pesquisa na Universidade.

Maria: Fala que hoje é dia 9 de maio de 2025.

Antônio: Hm?

Maria: Fala o dia de hoje.

Antônio: Hoje é 19 de...

Maria: Não, 9.

Antônio: 9 de... desculpa, 9 de maio de 2025.

Maria: Vamos começar.

Antônio: Quer voltar?

Maria: Não precisa.

Antônio: Não?

Maria: Qual que é a sua comida favorita?

Antônio: Minha comida favorita? (risada). É comida de caipira brasileiro. Arroz, feijão, salada, um bife... uma carne de panela.

Maria: Que a vó faz?

Antônio: Carne de frango, que a patroa faz, né.

Maria: De onde que vem o nome Antônio?

Antônio: O nome Antônio vem do meu pai.

Maria: Seu pai?

Antônio: Ele chamava-se João Antônio Fábrica Martínez e me deram o nome de Antônio Fábrica Ferreira. Por quê? Antônio Fábrica que é do meu pai. Ferreira é o sobrenome da minha mãe, porque português e espanhol eles adotam esse sistema.

Maria: Eles pegam o nome da mãe?

Antônio: O sobrenome é da mãe. E o Antônio Fábrica veio do meu pai.

Maria: Onde você nasceu?

Antônio: Eu nasci em Lavínia, no município do estado de São Paulo, na região de Araçatuba, no dia 29 de agosto de 1944.

Maria: Você nasceu na casa da sua mãe?

Antônio: Eu acredito que tenha sido, né? Porque naquela época fia não tinha esse negócio de hospital, né? Em 1944 nascia era em casa mesmo, né? Não é mesmo? (risada).

Maria: Me conta da sua infância em Lavínia.

Antônio: É então, a minha infância foi... uma infância bastante atropelada, porque eu além de... estudos, uma vida pobre na verdade, tinha que estudar e trabalhar. Eu trabalhava num sitinho que meu pai tinha lá, meu padrasto, né? Meu pai faleceu, minha mãe se casou novamente e eu morava lá com eles no sitinho deles, na chácara. E eu trabalhava nessa chácara. Cuidava das obrigações domésticas, de uma chácara. Era diariamente. Tirava leite, capinava café, cuidava da lenha pra dona... a mãe fazer as comidas e tudo mais. Cuidava dos porcos, cuidava dos bezerros... ai enfim. Eram atividades cotidianas de um morador da zona rural.

Maria: Você tinha alguma brincadeira?

Antônio: Ah, sim. A gente estudava, mas também brincava, viu? Eu fiz o primário, o ginásio lá em Lavínia, onde eu nasci. E depois eu... o colegial também fiz ali. E em Mirandópolis, que é o município vizinho, eu cursei a escola do magistério. Curso normal, que na época chamava, né? Além desses estudos que eu realizei ali em Lavínia, a gente brincava. Tinha uma molecada danada. A minha casa era uma chácara e tinha muita fruta. E tinha muitos meninos ali na redondeza. Eles iam na chácara... brincar, pegar frutas, né? Eles me ajudavam nos serviços. Era muito interessante a nossa vida da infância lá, viu? Era uma vida, assim, bem animada, memo! Bastante participativa. Bastante crianças, eram meninos, né? E meninas também, que

participavam ali na chácara com a agenda das coisas. E era uma infância bastante animada, viu. A gente tinha brincadeiras de tudo quanto é tipo... futebol, andava de cavalo, corrida pra cá, corrida pra lá e seguia.

Maria: Era na casa da vó Laurinda?

Antônio: É, era. A minha residência era na chácara da dona Laurinda. Laurinda Ferreira da Costa.

Maria: O que tinha no pomar da casa dela?

Antônio: Nossa, tinha laranja, pinha, manga, jatobá... tinha tangerina, mexerica. Tinha mandioca, tinha o que mais? Manga, já falei, abacate... enfim, bastante frutas, né? E eu vendia essas frutas.

Maria: Na feira, né? Você me contou uma vez.

Antônio: Hã?

Maria: Você me contou que você vendia as frutas na feira.

Antônio: Então, eram muitas frutas que tinha lá e... vizinho da nossa chácara tinha uma empresa que chamava Sambra. Essa Sambra comprava algodão, amendoim, de toda a redondeza e todas as regiões ali por perto. E vinham caminhões, que faziam entrega ali, faziam filas ali bem rente à nossa chácara. E eu, então, apanhava essas frutas e ia vender para esses caminhoneiros. Vendia fruta de monte mesmo viu. Inclusive, essas frutas aí... nos ajudaram a construir uma casa de alvenaria.

Maria: Alvenaria?

Antônio: Alvenaria. De tijolo, né? A gente morava numa casa de tábuas antes. Aí essas frutas aí ajudou meu pai e minha mãe a construir, uma casa de alvenaria que até hoje existe lá na chácara. Que você, inclusive, conhece. Então, era uma venda, assim, bastante... feita, realizada todos os dias, praticamente. Porque todo dia tinha caminhoneiro lá. E a gente ganhava dinheiro com isso. E era uma forma de trabalhar também, né. Que os meninos me ajudavam muito nisso também, viu? E interessante disso aí... eu tinha uma dupla de cabritos. Olha que interessante! E meu pai fez uma carrocinha. E eu carregava essa carrocinha de fruta. Enchia de fruta. E os dois cabritos, eu punha os arreios neles e eles puxavam a carroça. Eu ia levar lá com esses cabritos. E todo dia, na volta, quando a gente voltava de tarde, depois que entregava tudo, que tinha que vender, eu tinha que passar da sorveteria para dar sorvete pros cabritos. E nós também, né? Eu e o amigo

Alcísio Moreira, que me ajudava mais, né? A gente tomava sorvete depois do serviço feito de tarde.

Maria: Junto com o cabrito.

Antônio: E o cabrito também, tomava sorvete. Os dois. Bichinho era danado, né?

Maria: Eles gostavam mais de sorvete de quê?

Antônio: É... sorvete qualquer um. Chocolate, de creme, né?

Maria: Tinha nome o cabrito?

Antônio: Não, não tinha. Era cabrito.

Maria: Só cabrito.

Antônio: Bito. Chamava ele de Bito.

Maria: O Bito.

Antônio: Esse Bito aí é interessante. Tem uma cena interessante. Eu tinha um amigo lá, que era... que morava lá perto da nossa casa. Era mudo.

Maria: Mudo?

Antônio: Mudo. E ele irritava tanto esses cabritos! Ele mexia com os cabritos. Puxava os pelo dele. Puxava a orelha. E ele ficava irritando esses cabritos. Um dia, os cabritos estavam no cercadinho que eles dormiam lá. Eu fechava a noite, né? Aí eu... esse mudinho entrou nesse cercadinho lá. E esses cabritos pegaram esse mudinho de chifrada. E ficaram com raiva dele, sabe? Porque ele mexia muito com os cabritos.

Maria: Aham.

Antônio: Esse mudinho gritava de tudo quanto é jeito! Nós tivemos que correr lá, socorrer o menino. Tirar ele lá de dentro. Cenas inusitadas da infância (risada).

Maria: Coitado do mudinho.

Antônio: (ri e tosse).

Maria: Qual que é a sua lembrança mais feliz de crescer?

Antônio: Como é que é?

Maria: Qual a sua lembrança mais feliz de crescer?

Antônio: De crescer? Ah, eu acho que foi... foi mesmo... as amizades que a gente fez. Que tinha muitos amigos. O trabalho que... parece-me que aquilo foi... uma instrução de vida, né? Que me ensinou que... a vida é luta. A vida é trabalho e crescimento. E não tem esse negócio. Tem que trabalhar, tem que lutar. Então, esse ensinamento eu achei muito importante na minha vida. E a soma dos meus amigos. Que crescemos juntos. E os estudos, né? E aí foi desenvolvendo. Foi estudando mais, cada vez mais.

Maria: Tem alguma... alguma história? Algum folclore da chácara que você conhece? Você já viu algum... você já viu o saci?

Antônio: Saci? (risada).

Maria: É.

Antônio: Não (rindo). Não cheguei a ver saci na chácara, não viu. Mas o pessoal falava muito de assombração por lá, naquela época.

Maria: De assombração?

Antônio: É. Mas só que eu nunca vi, não.

Maria: Você não acreditava?

Antônio: É, acreditava nada. Porque... vou acreditar em assombração?! ... Eles... comentavam muito aqueles mais antigos, né? Falavam de assombração, mula sem cabeça, essas coisas. Tudo besteira. Isso aí não existe coisa nenhuma.

Maria: Eu lembro de você me contar que os seus irmãos tocavam viola em casa. Sempre teve música na sua casa?

Antônio: Não era muito de música, não. Cada um tinha lá as suas... suas tarefas, seus afazeres, seus estudos, mas não era muito de música, não. Aí quem começou com música ali, foi o irmão Arlindo. O Oswald, que já faleceu... a Regina e a Mercedes Luiz, que era mais assim, chegada na música, eles gostavam muito de cantar. E de vez em quando, quando a gente reunia por ali todo mundo, fins de semana, etc., era uma cantoria só. Ai depois, com o tempo, quando cada um foi para o seu lado... eu vim para Rio Preto, eles foram para Campinas, outros para São Paulo. Quando a gente se reunia lá e continua até hoje. Quando se reúne, essa cantoria continua. O pessoal gosta de cantar até hoje! O Arlindo ele toca viola, o filho dele também, violão. Então,

a gente até hoje reúne e tem as cantorias ainda. Uns gostavam de apreciar, ficar ouvindo, outros gostavam de cantar, e participar da cantoria.

Maria: Você gostava mais de escutar ou de cantar?

Antônio: Era mais de ouvir... era mais de ouvir, eu ficava participando por ali, mas era mais de ouvir, sim.

Maria: Você está sempre assobiando, quem que te ensinou a assobiar?

Antônio: (risada). É engraçado, assobiar parece que é um costume. Eu gostava de assobiar, trabalhando, brincando, sempre assobiando. Eu não sei quem me ensinou não, eu acho que eu aprendi viu... com a molecada.

Maria: E não parou mais?

Antônio: Não parei mais, eu assobio até hoje (risada). Ai ai.

Maria: Quando que você veio para Rio Preto?

Antônio: Eu vim para Rio Preto em... quando eu me casei, no final de 1973, para 1974. Isso foi em dezembro de 1973, foi quando eu vim para cá.

Maria: E por que vocês vieram para cá?

Antônio: Eu vim para cá porque depois de fazer o curso superior e o curso de pós-graduação, eu vim para Rio Preto porque eu fui convidado por um amigo que tinha uma faculdade aqui. Esse amigo era gente antiga da minha cidade, lá de Lavínia. Eles foram e vieram embora para Ribeirão Preto, vieram aqui para Rio Preto. E o César Casseb, o Augusto César Casseb, ele montou uma faculdade de filosofia, ciências e letras. E ele me convidou para ensinar lá, para trabalhar ali com eles. Eu vim primeiro como professor... de didática, sociologia aplicada à educação. Comecei por aí, foi justamente pelo convite que eles me fizeram. E eu vim e fiquei até hoje. Trabalhei nessa empresa, 47 anos.

Maria: Na Unorp?

Antônio: Na Unorp, Centro Universitário do Norte Paulista, que antes era a faculdade né, de São José do Rio Preto. Hoje é Centro Universitário do Norte Paulista. Fiquei ali 47 anos trabalhando como professor e depois passei como diretor de um colégio que eles criaram lá dentro, dessa escola, eles me nomearam diretor.

Maria: Do colégio?

Antônio: Do colégio. Esse é um colégio que iniciamos como colégio comum. E depois adotamos o sistema Positivo nesse colégio. Eu fui diretor dele mais de 20 anos. E a faculdade... eu nunca parei de lecionar. Comecei com poucas aulas, depois fui aumentando, né? Conforme a faculdade foi crescendo. E eu fiquei lecionando ali e depois eles me nomearam, já mais pro final, em 1999, eles me nomearam pró-reitor, de desenvolvimento da instituição. Nós lá éramos reitor e mais três pró-reitores. Um de desenvolvimento, um acadêmico e outro de atividades comunitárias.

Maria: Onde você fez o ensino superior?

Antônio: Então, o ensino superior eu fiz na faculdade Toledo de Ensino em Araçatuba. Eu fiz o curso de pedagogia lá. E depois eu fiz o mestrado em História da Educação Brasileira na universidade... na Unesp, de Marília. Ai eu fiz lá o mestrado em História da Educação no Brasil né. Foi o que me ajudou, inclusive, a firmar como professor no ensino superior.

Maria: Qual que foi a maior diferença para você na mudança de cidade?

Antônio: É então... a mudança de cidade, pra mim, foi muito significativa, porque você sai de uma cidade pequena, que não tem nada né, praticamente. Eu, inclusive, virei professor justamente por não ter nada lá, a não ser ser professor. Porque, ali, tinha o magistério, e ia trabalhar onde numa cidade daquela? Só se ficasse na zona rural, né? Que era também uma atividade, não resta dúvida, mas a minha opção foi virar professor.

Maria: Ou abrir um boteco.

Antônio: Ou abrir um boteco, né? (risada). Cidade pequena, é isso daí. Mas eu não queria isso, eu queria ser professor mesmo, né? Então, eu estudei, e depois... repete a pergunta, por favor.

Maria: Qual foi a maior diferença para você na mudança?

Antônio: Então, eu estudei e vim para São José do Rio Preto, que foi uma diferença muito grande. Saí de uma cidade pequena para ir pra Rio Preto. E não era assim, uma cidade monstra de grande, mas era uma cidade, já. Naquela época, já tinha 300 mil habitantes.

Maria: Em comparação a Mirandópolis...

Antônio: E Lavínia que tinha 3 mil habitantes, né? E, hoje, o Rio Preto tem 500 mil habitantes. Então, a diferença foi muito grande, a vida muda, né? Totalmente diferente daquilo. Mas eu me adaptei bem, porque eu tinha um trabalho. A minha esposa também foi estudar, fazer pedagogia

na Unorp, no centro universitário. E a gente acabou se adaptando bem, porque tinha o que fazer, né?

Maria: Sim.

Antônio: Certo?

Maria: Qual foi... você teve alguma dificuldade trabalhando esse período na faculdade, na Unorp?

Antônio: Dificuldade?

Maria: É.

Antônio: Ah, dificuldades a gente sempre tem, né? Quando a gente trabalha em uma empresa, é uma empresa grande, né? Que tinha um corpo docente em torno ali de 200 professores, né? Dificuldades a gente sempre tem, né? Não como rixas ou coisas assim, mas a própria dificuldade do crescimento dentro da instituição. Porque é uma competição, né? É um processo competitivo, e a gente tem que partir para melhorias na formação, fazer cursos de especialização, mestrado, como eu fiz, para poder competir com aqueles que estavam ali, que era um grupo de 200 professores, né?

Maria: Sim.

Antônio: E depois, como pró-reitor, as dificuldades aumentaram muito, porque aí eu tinha que administrar, né. As minhas relações com todo o corpo docente. E eu tinha a função de fazer várias atividades, inclusive montar os horários dos professores, junto com eles, de todos os cursos que estavam centrados ali na minha pró-reitora. Então, era uma atividade intensa, muitos trabalhos, né? Às vezes, professores com rebeldia, outros com colaborações, então sempre existem problemas. Mas são problemas que, com sabedoria, a gente solucionava, e ia melhorando a cada dia que passava.

Maria: Como que começou essa participação no projeto Alfabetização Solidária?

Antônio: Então, a minha participação no projeto de Alfabetização Solidária começou em 1998, quando a Comunidade Solidária, de Brasília, em parceria com o Ministério da Educação. Com empresas de parceria, municípios em todo o Brasil, me convidaram para participar dessas parcerias aí. Então, eu fiz a parceria do Centro Universitário do Norte Paulista com a Alfabetização Solidária em Brasília. E aí, eles começaram a mandar municípios para mim fazer

a coordenação do projeto. E eu comecei dessa forma aí, com o convite do próprio projeto de Alfabetização Solidária.

Maria: Eu acho que vou ter que desligar o ar, eu acho que tá fazendo barulho. Tá? Se ficar calor, me avisa.

Antônio: Será que saiu ruim?

Maria: Deixa eu ver.

[Pausa na gravação, para desligar o ar condicionado e conferir o áudio]

Maria: Ah, eu vou deixar ligado, então, se não a gente vai passar calor, né?

Antônio: Parece que não tá atrapalhando, né?

Maria: Deixa eu ajeitar aqui.

Antônio: Vou continuar no que eu tava falando, né?

Maria: É, você tinha falado que te convidaram pra participar do projeto, que te passaram as cidades que você...

Antônio: É, aí todo semestre, todo semestre eles me mandavam algumas cidades pra a gente assumir a coordenação lá. E eu ia lá, e era no Nordeste, a minha. Eu comecei com o estado do Piauí, e depois fui pra outros estados também, mas eu comecei com o Piauí. Eu ia lá, e lá eu tive 3 ou 4 municípios, né? Entre eles estava: Murici dos Portelas, Morro do Chapéu do Piauí, que eu ia lá, selecionava os alfabetizadores, pra virem pra cá, pro Centro Universitário do Norte Paulista, fazer o treinamento da alfabetização, ensinar os alfabetizados. Porque eles não eram professores, alguns até eram professores, mas a maioria eram estudantes do ensino médio, e às vezes até de oitava série, porque não tinha mais opção. Não tinha opção, eu tinha que pegar até de oitava série às vezes, né? Porque era gente muito humilde, e estudavam não era todo mundo. Então, era uma dificuldade muito grande. Eu selecionava esse pessoal, e o programa de alfabetização solidária pagava a viagem deles pra vir pra cá de avião. Eles vinham por avião. Saia lá de Teresina, né? Lá de Murici dos Portelas, de Morro do Chapéu, eles iam de ônibus até Teresina. Lá eles tomavam o avião, e vinham pra São José do Rio Preto. E aqui eles ficavam um mês.

Maria: Um mês?

Antônio: Fazendo o treinamento. E eu tinha uma equipe aqui, de pedagogos, que me ajudavam a fazer esse treinamento, pra se tornar um alfabetizador. Eram ensinamentos básicos de como alfabetizar, sabe? Porque eles eram pessoas humildes. Alguns eram professores, mas muito poucos. A grande maioria eram estudantes de colegial, de oitava série, né? Que se dispunham a fazer isso. Então, a gente ensinava o básico de como alfabetizar.

Maria: Eles eram voluntários?

Antônio: Eram voluntários. Mas o programa de alfabetização solidária, davam pra eles uma bolsa. Bolsa trabalho. Essa bolsa, na época, eu me lembro que era 300 reais.

Maria: 300 reais?

Antônio: 300 reais. E pra mim, como coordenador do programa, era 300 também. E os meus auxiliados, que viajavam depois pra visitar lá, a gente fazia visitas mensais, todo mês. Ia um pra cada município. Visitava todas as salas de aula. E eu não dava conta de fazer sozinho, então eu tinha que mandar esses professores, que me ajudavam, que eram da minha equipe. Eles faziam a visita aos municípios, né? E faziam a visita do pessoal, orientavam, comentavam, caminhando o projeto, né? E era assim.

Maria: Vocês foram em muitas cidades?

Antônio: Nós fomos em muitos municípios, né? Durante o projeto todo, deve ter chegado próximo de uns 30 municípios.

Maria: Nossa!

Antônio: Porque nós tínhamos o Piauí, e no Piauí foram 3 ou 4. Nós fomos também na Bahia... que foram 2, acho que 2 municípios. Nós fomos em Pernambuco... tinha 3 ou 4 municípios. Nós fomos em Alagoas, que tinha 2 municípios. E onde mais? Piauí... Ceará eu não fui. Eram esses municípios, esses estados aí. Mas no todo dava uns 30 municípios. Se caso precisar dos nomes, a gente deve ter aí. Registro disso. Os nomes aí você registra depois, né?

Maria: Tá.

Antônio: Tá certo?

Maria: E quando vocês iam para as cidades, onde vocês ficavam?

Antônio: Então, quando a gente viajava para visitar os municípios, as escolas, né? As salas de aula, na verdade. Porque às vezes o município montava várias salas de aula, em várias

comunidades diferentes. Eram comunidades lá bem no sertão mesmo. A gente ia à noite naquele sertão. Mato.

Maria: Mato fechado?

Antônio: Era até esquisito, né? Mas a gente chegava lá, tinha a escolinha lá (tosse). Então, a gente visitava, conversava com os alunos, pra ver se eles estavam aprendendo alguma coisa, se estavam gostando, o que eles estavam precisando, orientava os professores, né? Eu até dava algum ensinamento básico, rápido para eles, né? Para dar uma mudada na visita, né? Perguntava da merenda que era oferecida para eles. Todas as salas de aula tinham merenda. E essa merenda era fornecida pelo programa, através do MEC, né? Ministério da Educação. Mandava para os municípios, e o município mandava pras... comprava a merenda para as escolas, né? Para as salas instaladas. Porque a merenda foi uma das coisas... interessante, veja. Quando a gente fala de pobreza, é pobreza mesmo, profunda, naquele sertão lá. A merenda fazia diferença para eles irem para as salas de aula estudar. Porque senão, eles não iam. No começo, eu não peguei essa época, mas no começo, o programa dava cesta básica. E depois é que o Ministério da Educação trocou. Passou a fornecer merenda diariamente para os alunos de todas as salas de aula. Que era um chamativo para levar os alunos para lá. Então a gente ia lá visitar os alunos, conhecia, conversava com eles, né? Via as dificuldades, aí a gente passava depois a orientação com o professor, né? E assim era o nosso dia a dia.

Maria: E vocês dormiam onde?

Antônio: Então, o município sempre arrumava um lugar para a gente dormir. Quando não tinha pousada ou hotel, a gente ficava na casa de algum alfabetizador, na casa de alguma família da comunidade. A gente acabava se alojando (risada).

Maria: O que mais te marcou nessas viagens? E nesse programa?

Antônio: Interessante, o que mais me marcou nas viagens e no programa foi... o sentido mesmo da alfabetização na vida daquelas pessoas. O que que significou para eles aquilo. Era um letramento muito básico. Que num linguajar bem chulo seria uma alfabetização rasteira, né? Mas era uma alfabetização básica. É do ler e escrever. As contas eram os números da matemática, era tudo básico. Mas era, esse mínimo que eles recebiam... era o suficiente para mudar a vida deles. Eles falavam para mim quando eu visitava que eles tinham a maior tristeza do mundo quando eles iam na cidade... eles não sabiam ler o nome da loja quando eles iam, o nome da rua, o nome da cidade. Eles não sabiam ler nada, nada, nada, nada. E aí eles falavam:

“Depois que a gente começou a aprender seu Antônio, a gente começou a ler tudo! E para nós aquilo era uma alegria”, eles falavam. Então eu senti para mim que o mais significativo, na verdade, foi a mudança, a transformação de vida que aquelas pessoas tiveram. Até porque eles continuavam depois, continuaram a aprender depois do curso, eles continuavam com os filhos! Com os netos, né, que frequentavam a escolinha deles, eles continuaram aprendendo mais! Teve alguns que até viraram professores! Na comunidade. Eu tenho caso lá no município de São Francisco, no município do Morro do Chapéu, no bairro São Francisco. Era um menino que, por sinal se chamava Francisco também. Ele se tornou professor... E ele até veio aqui depois fazer treinamento para dar aula lá. Cê vê que interessante? Então era... significativo para mim foi justamente ver... acontecer as coisas. Às vezes se critica muito que a alfabetização e outros projetos de alfabetização, além da solidária, criticam muito que são alfabetizações que não significam nada porque não alfabetizam. Isso não é verdade! Isso não é verdade. As universidades que participaram, inclusive a USP, que teve muitos municípios, né, que eles participaram, sabem disso. Que esse letramento básico, que as pessoas que não sabem nada, mas nada, para eles era tudo escuro! Eles falavam para mim “Seu Antônio é como se eu não tivesse os olhos. Eu não enxergava nada. Como se fosse escuro”. Então essa mudança que eles passaram a ter na vida, para mim foi o mais significativo. Aquilo me marcou. A... as pessoas se transformam. (se emociona).

Antônio: Eles viram gente... passam a viver, viver melhor. Eles passam a ver a vida deles... de uma forma diferente. É como se, é como sair do nada e passa a ter tudo... porque eles passaram, inclusive, a conseguir emprego. Começaram a estudar mais, continuar os estudos. Como eu disse, alguns até se formaram professor. E a vida da família deles, também... mudou tudo. (pausa).

Antônio: Então a sua pergunta é pertinente. Tem muito sentido.

Maria: isso é muito lindo. Você deu luz para a vida dessas pessoas.

Antônio: Foi muita luz. É como se diz, eu fui uma chama. Que levou para eles um meio deles se transformar em luzes. Eles mesmos da comunidade, os jovens, os professorzinhos que treinavam aqui e iam para lá, eles viravam luzes para eles mesmos. Mudaram a vida da comunidade inteira. E aquilo era uma animação danada. Quando a gente ia para lá, o prefeito se mobilizava, o secretário de educação. Então era uma mobilização total. Eles disponibilizavam veículos para a gente fazer as visitas. Então era uma mudança muito grande para eles lá. Então eu fui significativo, sem dúvida nenhuma, para todos os municípios.

Maria: Com certeza.

Antônio: Agora o mais significativo ainda foram aqueles alfabetizadores que deram o seu esforço, deram o seu suor, o seu trabalho, os seus estudos, para poder ensinar aquelas comunidades mais carentes, que não tinham luz nenhuma de conhecimento.

Maria: É como se você tivesse dado o controle, a autonomia para eles de volta da própria vida.

Antônio: Eu não tenho dúvida nenhuma disso. Parece que a gente mostra o caminho, sabe? Era um mostrar como caminhar. Eu sempre falava isso para eles lá, inclusive, quando eu visitava as salas de aula. Eu perguntava para eles “como é que a gente aprende a andar? ”. Aí todo mundo já sabia. E “era andando! Andando, professor! ”. Então a gente aprende a caminhar caminhando. “Então é isso que eu vim trazer aqui para vocês. Um modo de caminhar diferente que vocês não tinham até agora. Aprendendo, ler um pouquinho, escrever um pouquinho, e com certeza vocês vão caminhar muito mais. Vocês vão aprender muito mais e vai mudar muito mais a vida de vocês, da vossa família, né? E até um incentivo para os vossos netos e filhos irem para a escola, não fiquem fora da escola para não se tornarem analfabetos também”.

Maria: Você quer mais uma pausa?

Antônio: Vamo, que que cê tem mais? Tem bastante ainda, né?

Maria: Não.

Antônio: Sobre o programa não vai ter que falar mais nada?

Maria: Você quer falar mais alguma coisa?

Antônio: Eu acho que o programa... não, falar não, mas juntar. Talvez alguma fotografia.

Maria: Mas isso eu vou fazer com a vó junto, eu acho.

Antônio: Se você precisar, por exemplo, da avaliação do programa nos municípios, a gente tem publicado inclusive isso daí. Os cadernos de alfabetização.

Maria: Tá.

Antônio: Depois eu te mostro. Se você achar interessante, você fotografa ou faz xerox e anexa. Entendeu? Alguns, não precisa todos. Só para mostrar como era feita a avaliação do programa.

Maria: Eu separei mais 3 perguntas aqui, mas é... não é sobre o programa, é mais sobre você. Você quer fazer agora?

Antônio: Não, pode falar. Pode continuar.

Maria: Como que você acha que criar teve presença na sua vida? A criação e educação das pessoas? A própria criação dos seus filhos?

Antônio: O ato de criar é uma coisa que dá-se no ser humano como conhecimento, né. As pessoas que têm a experiência de vida, o conhecimento de vida, elas criam. E aqueles que vão estudando, eles vão criando mais, vão arrumando meios de... colocar luzes na vida e faz os encaminhamentos das pessoas. A gente forma as famílias. Eu, por exemplo, tive 3 filhos, encaminhei, todos eles estão estudando, e você é uma das netas que eu tenho, que está estudando na USP hoje. É um orgulho. Então, a criação na vida da gente é um ato contínuo, a gente não pode parar de criar! Não pode parar... eu hoje eu to aposentado, mas mesmo assim a gente ainda trabalha, conversa né, com os filhos, com os netos, vai orientando, vai encaminhando as coisas do jeito que é possível. Então o ato de criar é uma coisa que nasce com a gente e não pode parar. É fantástico isso daí. Criei muitas coisas. A minha vida profissional, você não faz ideia de quantas coisas eu criei. O meu trabalho no dia a dia na universidade. Como pró-reitor depois, criei muitas coisas. No projeto de Alfabetização Solidária, quantas coisas eu criei para abrir um caminho para aquelas comunidades. Cada município tem características diferentes, né. Então a gente tinha que criar formas de encaminhar as coisas para poder caminhar bem. Eu acho que o ato de criar não para enquanto a gente tiver em atividade.

Maria: Você me criou também.

Antônio: Também, ajudei. Ajudei também. Você ainda viveu um tempo em casa, né?

Maria: Eu acho que os ensinamentos mais importantes que eu tive vieram de você.

Antônio: Foi, né? Você gostou então, né?

Maria: Gostei.

Antônio: Fico orgulhoso de saber porque você se encaminhou bem, fez uma escola bem feita de primeiro grau e de segundo grau, ensino médio, né? Fundamental e médio. Já partiu para a universidade, passou o vestibular da Unicamp, passou na USP. Eu me sinto orgulhoso de saber que você pegou bem os ensinamentos do vô, da mãe, do pai, né? Da vó, da sua mãe. Eu fico muito orgulhoso de você, porque você está no caminho bom.

Maria: Eu sou muito orgulhosa de ter você como vô. O que você acha que é a nossa herança?

Antônio: A nossa herança?

Maria: É.

Antônio: Eu acho que a nossa herança é o ensinamento da vida, o conhecimento. Porque se a gente pensar em herança material, herança de dinheiro, o Brasil hoje é pobre. São raras as pessoas que têm dinheiro para deixar de herança, né? A não ser uma casa onde a gente mora. Mas a herança hoje maior é o conhecimento, é a relação com os amigos, né? E o encaminhamento de vida que a gente faz com as coisas do nosso dia a dia. Acho que isso é uma herança muito boa. A nossa tradição, a nossa história. Isso marca muitas pessoas.

Maria: Teve uma frase que você falou pra mim uma vez, que... eu acho que eu penso nela com muita frequência. Que você falou que... escolher amar é o mais difícil, odiar é muito fácil, mas escolher o amor é o mais difícil. Você me falou isso, acho que no carro, a gente tava indo pra algum lugar e você só me disse isso. E eu acho que toda vez que eu escolho amar, eu escolho o caminho de ser boa, eu lembro da sua voz na minha cabeça, falando que...

Antônio: É, porque não é fácil, né Maria Fernanda. A vida da gente é feita de escolhas, né? E você tem que optar, e quando você faz a opção pelo amor ou pelo ódio, são opções que você tem na vida. Eu acho que o amor, a caridade, a fraternidade, é um dos melhores caminhos. A dignidade, né? É o melhor caminho que os jovens, as crianças jovens e os adultos devem ter na vida. Porque o odiar não é um bom caminho. Além de fazer mal pras pessoas, ele faz mal pra gente também. E eu acho que o amar... a caridade, a dignidade, a fraternidade, a solidariedade que existe em cada um de nós, faz parte desse amor, dessa harmonia bonita que existe em cada pessoa.

Maria: Acabaram as minhas perguntas.

Antônio: Acabou?

Maria: Quer falar mais?

Antônio: É, eu acho que essas entrevistas que vocês estudantes fazem são muito boas, viu. Porque ajudam os estudantes a sentirem as coisas bem de perto, né?

Maria: Sim.

Antônio: A verem os caminhos que as pessoas seguiram, né? Serve sempre como uma diretriz de vida.

Maria: Tem muito pra aprender da história das pessoas.

Antônio: Tem muito que aprender com as pessoas, né? Essa entrevista e tantas outras que vocês vão fazer ainda ao longo do curso, elas têm muito o que ensinar pra vocês. A Universidade de São Paulo está de parabéns porque esse é um projeto muito bom. Isso aí faz crescer as crianças e os jovens, né? Leva os jovens ao crescimento. Muito bom.

Maria: Deixa eu ver se não esqueci nada. Acho que não.

Antônio: Finalmente eu agradeço, né? A escolha pra fazer a entrevista (risada).

Maria: Eu que tenho que agradecer você.

Antônio: Mas eu agradeço, sim. Eu fico contente de ter falado as minhas coisas também, né? É claro que a gente tem muitas outras coisas na vida pra falar, mas o objeto hoje é isso daí.

Maria: Mas se tiver mais alguma coisa que você queira contar.

Antônio: Não, agora sobre isso daí, é só isso aí mesmo.

Maria: É?

Antônio: Eu agradeço a escolha.

Maria: Queria agradecer a você por ter disposto o seu tempo e a sua vontade de me contar a sua história e me contar todas essas coisas. Muito importante pra mim. Eu espero que tenha sido importante pra você também, conseguir reconhecer o valor das coisas que você fez.

Antônio: Sem dúvida nenhuma. Eu valorizo muito o que eu fiz na minha vida. O que eu sempre fiz com carinho e com dedicação. E é o que deve ficar pra você. Nunca faça nada sem carinho, sem amor e sem dedicação. Porque esse é o caminho do crescimento. Tá bom?

Maria: Vou encerrar então, tá bom?

Antônio: Tá bom.